

Formação de Professores de Matemática na Região de Mossoró/RN: construção de uma história por meio da oralidade.

Marcelo Bezerra de Moraes¹

Ivete Maria Baraldi²

RESUMO

Entendendo o quão importante é o conhecimento de nosso passado, para um melhor entendimento de nosso presente, almejamos, com este trabalho, compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática na região de Mossoró (RN), alusivo ao período antecedente ao ano de 1974, o qual marcou a criação do mais antigo curso de licenciatura em matemática da região. Para atingirmos o nosso objetivo, desenvolveremos uma pesquisa de caráter qualitativo, onde trabalharemos com a História Oral como metodologia de investigação. Pretendemos utilizar não só as fontes orais, na forma de depoimentos de professores de Matemática que atuaram e se formaram na região, como também documentos escritos. O projeto que pretende ser executado estará inserido em um projeto maior do GHOEM (Grupo História Oral e Educação Matemática), que visa realizar um mapeamento sobre a formação de professores de matemática das distintas regiões que compõem o Brasil.

Palavras-chave: educação matemática, história oral, formação de professores.

1. INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Ao longo dos tempos os povos foram apresentando, sempre, a necessidade do conhecimento do passado, distante ou recente, para a compreensão do presente. Com isso muitos foram os métodos históricos criados para a busca da reconstrução deste conhecimento. Porém, não há a possibilidade de reconstrução do passado se não houver registros históricos. Nesta perspectiva compreendemos que, segundo Garnica (1998), podem existir duas fontes de registros históricos ligados à manifestação discursiva: a fonte escrita e a fonte oral.

Segundo Le Goff (1990) o que deu início à história foi o que ele denomina como ‘história-relato’ e ‘história-testemunho’ por ser o relato da história vivida, passada através da oralidade, e que estes tipos de histórias nunca deixaram de estar presentes na história enquanto ciência. Contudo, com a escrita, a organização de bibliotecas, e essa estruturação da história como ciência, passou-se a utilizar, por um longo período, como principal fonte

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Rio Claro). E-mail: morais.mbm@gmail.com

² Professora do Departamento de Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Bauru). E-mail: ivete.baraldi@fc.unesp.br

histórica a escrita, acreditando ser esta a forma mais segura de se fazer história, justamente pelo fato de estar documentado.

Porém motivados pelo movimento da ‘Nova História’, pela percepção da fragilidade dos documentos escritos, e pela descoberta dos meios de gravação, ocorreu que no ano de 1947 surgiu nos Estados Unidos, Europa e México a História Oral como metodologia de pesquisa. Entretanto no Brasil, este recurso só passou a ser utilizado na década de 1970, difundindo-se especialmente a partir da década de 1990, onde ganhou uma maior notoriedade pelas discussões nos eventos nacionais e regionais em diversas áreas do conhecimento. (BARALDI, 2003 e 2006; GARNICA, 2004; GAERTNER, 2004, GALETTTI, 2004; THOMPSON, 1992; SILVEIRA, 2007)

Apresentado isto, deteremos nossas discussões, a partir deste ponto, em torno de fontes orais que serão os nossos mais importantes objetos de estudo. Indo por este viés, ao falarmos sobre fontes orais, automaticamente reportamos nosso discurso à História Oral. Entretanto, longe de negar a importância da fonte escrita e tampouco o seu descarte, corroborando com as idéias dos autores que trabalham com História Oral quando afirmam que cada uma destas fontes se mostram importantes por possuírem suas peculiaridades.

É defendido por alguns pesquisadores em História Oral, como nos apresenta Baraldi (2003) e Garnica (1998), que este recurso pode assumir três diferentes aspectos: técnica de pesquisa, disciplina ou metodologia de pesquisa. O primeiro, como técnica de pesquisa, se ela for encarada apenas como técnica de gravação, transcrição e construção de fontes orais; no segundo, como disciplina, se ela for composta de técnicas de pesquisa específicas, procedimentos metodológicos e um conjunto de conceitos próprios; e no último aspecto, como metodologia de pesquisa, se ela for observada como todas as outras metodologias, estabelecendo uma ordem para os procedimentos de trabalho, tais como: tipos de entrevistas, a transcrição e textualização. Possuindo assim suas vantagens e desvantagens, funcionando também como ponte entre teoria e prática. (BARALDI, 2003)

Para nosso trabalho iremos assumir então a História Oral como uma metodologia de pesquisa. Assim, temos segundo Gaertner (2004), corroborando com Meihy, que a História Oral pode ser distinguida em três modalidades: História Oral de Vida, História Oral Temática e a Tradição Oral.

Na História Oral de Vida, “o depoente tem liberdade de narrar sua trajetória de vida, revelando ou ocultando fatos, impressões e pessoas” (GAERTNER, 2004, p. 155), já a História Oral Temática

está vinculada ao testemunho e à abordagem sobre um determinado assunto específico. Ela é um recorte da experiência de vida do colaborador e, não obrigatoriamente, concorre com a existência de pressupostos já documentados, fornecendo, então, uma outra versão histórica. Esta modalidade é a que mais se aproxima das soluções encontradas para a apresentação dos trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico, como nos alerta Meihy (2000), pois permite a articulação de diálogos com outros documentos e bibliografia complementar, principalmente porque trabalha com questões externas, objetivas, factuais e temáticas e não com questões que cuidem mais livremente de impressões e subjetividades, como a História Oral de Vida. (BARALDI, 2003)

Mostrando assim que, na História Oral Temática diferente da anterior, ela trabalha com um recorte do passado, com um determinado tema que tenha feito parte da vida do colaborador. E a Tradição Oral envolve as questões do passado distante que se manifestam através de atividades culturais, como por exemplo, o folclore, e pela transmissão oral de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos.

Continuando ainda, o estudo do uso da História Oral como metodologia de pesquisa, e nessa perspectiva, tem-se que a História Oral é muito importante para a historiografia, ou seja, para criar fontes históricas. E esta criação se dá através das narrativas daqueles que viveram no passado e não encontraram no escrito oportunidade de expor seus sentimentos, pensamentos, idéias, experiências entre outros sentimentos que ficaram guardados na memória e que, com o uso deste recurso metodológico, agora poderá vir à tona para também poder compor o acervo histórico de quem vivenciou fases do processo de desenvolvimento da humanidade.

Tomando então esta idéia do ‘recordar’ para construir o arsenal historiográfico, temos que a História Oral está diretamente ligada a Memória. Segundo Garnica (1998) há aqueles que afirmem que existem os ‘pseudo-conflitos’ na História Oral entre oral e escrita e história e memória, o que na verdade é uma falácia, tendo em vista que não existe o menosprezo do escrito para a construção da historicidade através da oralidade, como já visto, tampouco há a possibilidade de construção da mesma sem o auxílio da memória. Então a memória vem neste processo servir de instrumento para a História Oral.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (HENRI apud LE GOFF, 1990, p. 425)

E esta linguagem de armazenamento o qual Henri se referia, pode ser ativada por inúmeros recursos os quais são de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas em História Oral, como são os casos dos entrelaçamentos de memórias de grupos sociais,

documentos escritos e como encontramos em Gaertner e Baraldi (2008) o uso de imagens (recursos iconográficos). Este último é um importante recurso utilizado pela humanidade a fim de combater as “perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A História Oral produz, assim, narrativas orais, que são narrativas de memórias, que não possuem a intenção de ser construir uma história totalizante ou tampouco tentar provar uma verdade absoluta. O objetivo do desenvolvimento de uma pesquisa com História Oral deve ser o de criar

espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação desta, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas. (SILVEIRA, 2007, p. 5)

Temos assim que é de suma importância o trato que se dá numa pesquisa com História Oral, pelo fato de estarmos trabalhando com pessoas que possuem sensações e sentimentos e que podem, por recordações, evocar ações ou atitudes inimagináveis. Por isso da importância na atenção com o cuidado e distanciamento dos colaboradores, como nos alerta Baraldi (2003), para que possam não ser provocadas recordações indesejáveis, além disto, como se trabalha com a memória, qualquer ação impensada ou recordação indesejada, poderá provocar a ‘não leitura’ ou ‘entrase’ da ‘linguagem de armazenamento’ a qual nos referimos anteriormente.

Assim,

percebemos que trabalhar com fontes orais e iconográficas não é simples, embora permita-nos obter um conhecimento aprofundado do tema e descobrir evidências para a análise. Também, nos conscientizarmos o quanto é grande a responsabilidade do pesquisador em relação ao que produz e aos seus depoentes. (GAERTNER E BARALDI, 2008, p. 59)

Mostrando-nos assim o quão importante é o cuidado que devemos ter não apenas durante o processo de entrevista, mas também com o resultado dos mesmos e com os colaboradores também após a realização das entrevistas, isso nos remete a refletir ainda sobre a ética no desenvolvimento de pesquisa com História Oral, em todos os momentos do processo de desenvolvimento da pesquisa, desde o processo de entrevistas, passando pela textualização e análise do texto e imagens, até a assinatura da ‘carta cessão’³, isso para que se possa não por em risco juridicamente o pesquisador e a própria validação do trabalho. (GAERTNER; BARALDI, 2008).

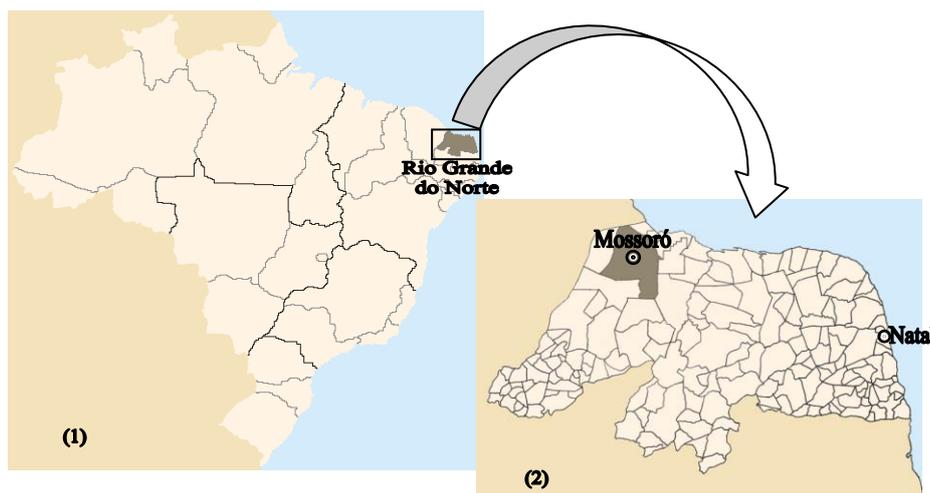
Corroborando com a idéia de que

Ao utilizarmos a História Oral para constituir um dos muitos cenários da História da Educação Matemática torna-se possível tecer as tramas que nos fornecerão uma referência histórica e cultural, que até então estava inscrita apenas nas memórias dos professores ou de pequenos grupos. A vida, as experiências, as lutas e as visões de mundo adquirem um novo estatuto ao serem socializadas, sendo transformadas em documentos que podem apresentar, de maneira contextualizada, uma outra – nova ou complementar – versão da história. (BARALDI, 2003, p. 215)

Assim, o uso da oralidade vem para ampliar o campo de fontes de pesquisa para a história. Vem para que não se perca no tempo e no espaço a voz daqueles que foram atores nos atos vividos; para trazer a voz, as falas, as emoções, os sentimentos e assim construir uma versão do vivenciado.

Tendo em vista todos estes argumentos em relação à História Oral, e reportando-se para o que foi dito a pouco sobre a necessidade de construção do conhecimento de um passado recente, analisamos agora a necessidade que nos leva a pensar no desenvolvimento desta pesquisa em Educação Matemática e História Oral.

Mossoró é uma cidade localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste brasileiro, fica a aproximadamente 277 quilômetros da capital Natal, como mostra o esquema abaixo (Imagem 1):



Fonte: (1) <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/RN-no-Brasil.png>
(2) <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RN-mapa-Mossor%C3%B3.png>

A cidade possui hoje três cursos de licenciatura em Matemática, um ofertado pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte (UERN), um pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), e outro pela Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).

³ Documento que concede os direitos de uso das informações obtidas durante as entrevistas.

Conforme o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Matemática da UERN, este é o curso mais antigo da região, “foi criado através do Decreto Municipal nº 21/73, e implantado em 1974, tendo a sua oferta suspensa, em 1981, quando de sua transformação em Curso de Ciências (licenciatura curta) com habilitação plena em Matemática no período de 1981 a 1992” (p. 3). O curso retomou a oferta como curso de Matemática, licenciatura plena, em 1993 conforme Resolução nº 07/93-CONSUNI, e seu reconhecimento se deu através da Portaria Nº 1.115/96-MEC, de 01 de novembro de 1996 com validade de cinco anos, publicada no Diário Oficial da União de 05/12/96.

Porém, até o ano de 1974, ano de criação do mesmo, a região não contava com oferta regular, alguma, de curso superior de formação de professores de matemática? Havia professores na região?

O único trabalho que encontramos, em nossas pesquisas iniciais, falando sobre a capacitação de professores foi o de Gutierre (2008, P. 76), onde afirma que

Realizou, no período de 8 de janeiro a 26 de fevereiro de 1965, o III curso de treinamento de professores leigos da cidade de Natal, Mossoró, Caicó, Santa Cruz, Pau dos Ferros, Angicos e São José do Mipibu. [...]

O objetivo geral do curso era ‘melhorar o nível técnico pedagógico dos professores, assegurando-lhes melhorias de vencimento e melhores condições de trabalho’.

Porém, o mesmo retrata sobre uma formação continuada, ou o que podemos chamar de capacitação de professores que já atuavam lecionando matemática neste período. Assim, nos perguntamos quem foram os professores que participaram desta capacitação? Qual o perfil dos professores de Matemática que lecionavam nesta região? Onde se qualificaram, haja vista a ausência de cursos na região? Como foram suas formações? Foi suficiente para suprir suas necessidades enquanto professores de matemática?

Como não temos conhecimento de trabalhos que abordem sobre a oferta de cursos até o período supracitado, e na região não existem grupos que pesquisem sobre a formação de professores de matemática, ficam então muito amplas as lacunas existentes na história sobre a formação de professores na cidade, conseqüentemente amplos os campos e as oportunidades de pesquisas.

Notando então a existência destas lacunas sobre a formação dos professores de matemática na região de Mossoró, e com o intuito de fornecer, como já visto com os autores que pesquisam em História Oral, as fontes necessárias para a construção de uma versão histórica sobre a formação de professores na cidade e também de esboçar compreensões acerca das questões realizadas, propomos este trabalho de pesquisa. Cumpre

lembrar que esse trabalho estará inserido num projeto maior desenvolvido pelo GHOEM (Grupo História Oral e Educação Matemática), que visa efetuar um mapeamento nas diversas regiões brasileiras sobre a formação de professores (GARNICA, 2010; GARNICA, SILVA e FERNANDES, 2010). Dessa maneira, essa pesquisa trará novos elementos para tal projeto, bem como será fundamental para que seja possível escrever uma História da Educação Matemática brasileira a partir de várias perspectivas, e não apenas da perspectiva dos centros clássicos de formação.

Para isso, inicialmente se terá como fundamentadores dos estudos em relação à História Oral, memórias e narrativas, além dos trabalhos citados anteriormente, os trabalhos de: Garnica (2010); Caldas (1999); Ferreira e Amado (2001); Ferreira (2002); Gusmão (2004) e; Bolívar (2002). Como base para a formação de professores: Fiorentini (2008); Mignot e Cunha (2003); Prado e Soligo (2007); Nacarato, Mengali e Passos (2009); Gaertner (2004) e; Galetti (2004). Além destes trabalhos, pretende-se ter como norteadores, para nossa pesquisa, os trabalhos de: Martins-Salandim (2007); Bernardes (2003); Cury (2007) e; Silva (2007), por serem trabalhos, que assim como este, realizaram pesquisas regionais, falando sobre a formação de professores e utilizando a História Oral como método de pesquisa.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

- Compreender e construir uma versão histórica de como se deu a formação de professores de Matemática, dos ensinos fundamental e médio, na região de Mossoró (região localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, a 277 quilômetros da capital Natal), no período⁴ anterior ao ano de 1974⁵, com o intuito de contribuir com uma História da Educação Matemática brasileira, a partir de perspectivas diversas.

⁴ Por não sabermos, ainda, quem serão nossos colaboradores, não limitaremos inferiormente o período (da época que aqui estamos tratando) para que não percamos possíveis depoentes, tendo em vista que podemos conseguir depoentes das mais diversas décadas. Entretanto, acreditamos que, possivelmente, estes estarão dispostos no período posterior ao ano de 1950, observando que poderemos não encontrar depoentes vivos que tiveram sua formação e execução das atividades de magistério antes do período mencionado.

⁵ Compreendendo que não existiam instituições de ensino superior com cursos específicos de formação de professores de Matemática até 1974, ano que foi criado o primeiro na região, o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que está em funcionamento até o presente momento, conforme encontramos descrito no Projeto Político Pedagógico do curso em vigência. Cumpre lembrar que esse documento somente está disponível no âmbito da universidade.

2.2. Específicos:

- Identificar e descrever qual formação tinham os professores que lecionavam Matemática, no ensino fundamental e médio, na região de Mossoró, antes da implantação do curso de Licenciatura em Matemática;
- Por meio de depoimentos de professores, elaborar uma compreensão dos cursos, ou programas, responsáveis pela formação de professores na região de Mossoró, à época;
- Elaborar uma versão – uma apropriação – de como os professores, no período de interesse, articularam suas práticas frente às reformulações dos currículos escolares.

3. MATERIAIS, MÉTODOS E FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa a ser desenvolvida será de caráter qualitativo e pretende utilizar os procedimentos metodológicos da História Oral (temática) que segundo Baraldi (2003, p. 216)

trabalha-se com o testemunho oral de indivíduos ligados por traços comuns. A utilização desta metodologia, como alerta Freitas (2002), fornece novas perspectivas para o entendimento do passado recente, possibilitando o conhecimento de diferentes versões sobre determinado tema. O testemunho oral, obtido através de entrevistas, constitui-se como o núcleo da investigação, ou seja, o trabalho investigativo leva em conta as trajetórias individuais, eventos ou processos que não poderiam ser compreendidos de outra maneira. Isso obriga o pesquisador a buscar respaldo em outros referenciais teóricos, principalmente os que discutem sobre as relações entre escrita e oralidade, memória e história, tradição oral, bem como sobre os conceitos apontados pelos colaboradores.

Em relação aos passos metodológicos da pesquisa em História Oral, poderíamos pontuar os mesmos da seguinte forma: escolha dos colaboradores da pesquisa; elaboração do roteiro de entrevista a ser realizada com os colaboradores; contato com os mesmos para saber a disponibilidade e o desejo de participação/colaboração na pesquisa; realização da entrevista; transcrição e textualização da entrevista; legitimação do texto; concessão dos direitos autorais e de publicação; análise dos dados obtidos. (BARALDI, 2003 e 2006)

E para alcançarmos os objetivos propostos, utilizaremos os seguintes passos metodológicos: revisão bibliográfica acerca do tema proposto; pesquisa sobre os professores que atuaram na região de Mossoró antes de 1974; escolha dos possíveis colaboradores da pesquisa; elaboração do roteiro de entrevista a ser realizada com os colaboradores; contato com os possíveis colaboradores; realização da entrevista; transcrição da entrevista; textualização da mesma; legitimação do texto; concessão dos direitos autorais e de publicação e; análise dos dados obtidos – nos trabalhos desenvolvidos

pelo GHOEM, em muitos deles entende-se esse momento como o arremate da pesquisa, um aventar de possibilidade de compreensão, um identificar de evidências.

Ao se trabalhar com História Oral, entende-se que uma concepção de História deva ser delineada para dar suporte teórico para as discussões, bem como desenvolver o diálogo com outras áreas de conhecimento. Esse exercício será efetuado durante o desenrolar da pesquisa.

Sobre a análise dos dados, corroboramos com Baraldi (2006, p. 14 e 15), onde nos apresenta que o

[...] inventário de possibilidades é, já, uma forma de análise, ainda que parcial por não esquadrihar todas as possibilidades críticas. Entende-se que uma operação analítica já está em curso no primeiro momento em que se decide focar determinado objeto para dele ter maior compreensão e, portanto, domínio. Sendo assim, o “processo de análise” inicia-se com a explicitação da pergunta de pesquisa e com a escolha dos depoentes-colaboradores. Detectar tendências é um – dentre os muitos – momentos de análise. No entanto, muitas vezes, o processo analítico não se restringe ao momento de detectar tendências, efetuando um trabalho de preenchimento de lacunas.

Então, entende-se que o processo de análise, desta pesquisa, está em curso desde o momento que propomos o objeto a ser investigado. Porém, pretende-se iniciar a análise das entrevistas, a partir do momento que fomos realizando-as e constituindo, assim, os documentos escritos através dos processos de transcrição e textualização.

Entretanto cabe explicar o que, aqui, se entende por análise dos resultados nas pesquisas em Educação Matemática, com a utilização da História Oral como método de pesquisa. Segundo Garnica, Silva e Ferreira (2010, p. 9) “não cabe ao pesquisador julgar as narrativas orais já que estas funcionam como suportes para a história contada pelo pesquisador sobre o fenômeno pesquisado”, assim, compreende-se como processo de análise dos resultados, em História Oral e Educação Matemática, não a análise do que se foi dito nas entrevistas, com o objetivo de julgá-los, mas como o processo de “amarramento” das informações, sendo, na verdade, este “amarramento” a constituição da narrativa do pesquisador, esta construída pelas considerações feitas através das entrevistas e dos documentos escritos (que possam ser encontrados durante a pesquisa), corroborando assim com as idéias, também, apresentadas por Baraldi (2006) e Garnica (2010b), sobre análise dos resultados.

As considerações, de que se falou, são as “evidências” ou “tendências” que se conseguiu notar nas entrevistas, que segundo Baraldi (2006, p.14), estas evidências ou tendências

[...] podem ser entendidas como os traços “mais visíveis”, segundo o pesquisador e seu grupo, do cenário em composição e que, juntamente com outros registros escritos, fornecerão subsídios para o pesquisador encaminhar respostas para suas questões. São os aspectos divergentes e/ou convergentes, as lembranças e/ou os esquecimentos presentes nos testemunhos dos colaboradores que apontam quais são os elementos essenciais para o esboçar de compreensões e, a partir destas, de uma versão histórica.

Assim, pretende-se notar quais os aspectos comuns ou divergentes apresentados nas entrevistas, a fim de realizar um estudo analítico sobre estes, aqui entendidos como evidências, compreendendo que os mesmos serão de suma importância para a constituição da narrativa sobre a formação de professores de Matemática da região pretendida, finalizando, assim, nosso processo de análise dos resultados.

4. REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARALDI, I. M. Ensaio de macramé: História Oral e Educação Matemática. In: Antonio Vicente Marafioti Garnica. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória**: ensaios na interface História Oral-Educação Matemática. 1.ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1. CD ROM

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP)**: uma história em construção. 2003. 241 f. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.

BERNARDES, M. R. **As várias vozes e seus regimes de verdade**: um estudo sobre profissionalização (docente?). Bauru, 2003. 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

BOLIVAR, A. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v4, 2002. Acesso em 16/dezembro/2010 em <http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>.

CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás**. Rio Claro, 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro(SP), 2007.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, pp. 314-332, dez. 2002.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FIorentini, D. A pesquisa e as práticas de formação de professores de matemática em face das políticas públicas no Brasil. **Bolema**. Rio Claro – SP. Ano 21, n.29, 2008, p.43-70.

GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau**. 2004. 249 f. Tese (Doutorado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GAERTNER, R.; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. **Bolema** (Rio Claro), nº 30, p. 47-61, 2008

GALETTI, I. P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista: orientação para tecer paisagens**. 2004. 204 f. Dissertação (Mestrado). UNESP, Rio Claro, 2004.

GARNICA, A. V. M. O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da história. **Revista Ciência & Educação**, v1. nº 5, p. 27-35, 1998.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAUJO, Jussara do Loiola (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, v. 1, p. 77 - 98.

GARNICA, A.V. M.; SILVA, H.; FERNANDES, D. N. História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática. **Anais do V Congresso Internacional de Ensino da Matemática (V CIEM)**. ULBRA, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

GUSMÃO, E. M. **Memórias de quem ensina: cultura e identidade docente.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GUTIERRE, L. S. **O ensino da Matemática no Rio Grande do Norte (1950-1980): trajetória de uma modernização.** 2008. 150 f. Tese (Doutorado) - UFRN, Natal, 2008.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e marginalidade.** Rio Claro, 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). **Práticas de memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

NACARATO, N. M.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B.. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (orgs). **Porque escrever a fazer história: revelações, subversões e superações.** Campinas, SP: Alínea, 2007.

Projeto Político Pedagógico: Licenciatura Plena em Matemática. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2009. (mimeo)

SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade.** Rio Claro, 2006. 480f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro(SP), 2007.

SILVEIRA, E. S. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e Conhecimento**, v.1, p. 1-7, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.